

## A Experiência do Espaço Nordeste Pedro II: Reconhecimento, Usufruto e Valorização do Patrimônio Cultural

## The Experience of Espaço Nordeste Pedro II: Recognition, Enjoyment and Valorization of the Cultural Heritage

### Douglas Brandão de Melo

Mestrado em Arte, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Piauí

Graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí

Email: douglasbm@outlook.com

### Ivanilda Teixeira do Amaral

Mestrado em Arte, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Piauí

Graduação em Bacharelado Em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí

Professora da Secretaria de Educação do Estado do Piauí

Email: ivanildaamaral@outlook.com

### Rita de Cássia Moura Carvalho

Doutorado em Belas Artes pela Faculdade de Belas Artes pela Universidade de Lisboa

Email: cassia.moura@gmail.com

#### Endereço: Douglas Brandão de Melo

Endereço: Rua D, Morada da Universidade nº116,  
Parnaíba PI. CEP: 64200-200.

#### Endereço: Ivanilda Teixeira do Amaral

Endereço: Rua irmão Pereira, 908/Centro – Pedro II PI  
CEP: 64255-000.

#### Endereço: Rita de Cássia Moura Carvalho

Endereço: University of Lisbon, Faculdade de Belas  
Artes. Largo da Academia Nacional de Belas Artes  
Coração de Jesus1249058 - lisboa, - Portugal.

#### Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 13/10/2016. Última versão  
recebida em 06/11/2016. Aprovado em 07/11/2016.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

## RESUMO

O presente artigo apresenta as vivências no Espaço Nordeste Pedro II – Piauí como política de incentivo ao reconhecimento, usufruto e valorização do patrimônio. Sua criação foi possível através de acordo de parceria firmado entre instituições e comunidade. Funcionou regularmente de 2009 a 2014, atuando nas vertentes: social, cultural e de negócios. Nesse período manteve uma programação com eventos culturais, ações sociais para população do município, destacando-se as oficinas de formação artística, de educação patrimonial e fóruns de educação ambiental e patrimonial. A vivência profissional dos autores possibilitou, através da interlocução com comunitários, pesquisadores, educadores e artistas, assim como a utilização da pesquisa documental, observação participante, entrevistas e vídeos institucionais, mensurar resultados que justificam a importância desse empreendimento para a cidade. Propõe-se divulgar como um equipamento cultural assume papel preponderante no processo de percepção do patrimônio e das intervenções culturais que dialogam com as ciências sociais, educação patrimonial e as políticas públicas.

Palavras chaves: Patrimônio. Arte. Equipamento Cultural. Política Pública.

## ABSTRACT

This article presents the experiences in Espaço Nordeste Pedro II – Piauí as incentive policy recognition, enjoyment and valorization of the heritage. Its creation was made possible through the partnership agreement signed between institutions and the community. Worked regularly from 2009 to 2014 focusing on the aspects: social, cultural and business. In this period kept a schedule with cultural events, social activities for population of the city, highlighting the artistic training workshops, heritage education and environmental and patrimonial education forums. The professional experience of the authors made it possible, through dialogue with the community, researchers, educators and artists, as well as the use of documentary research, participant observation, interviews and institutional videos, measuring results that justify the importance of this project for the city. Proposes to disclose how a cultural equipment assumes importance in the process of perception of heritage and cultural interventions that dialogue with the social sciences, education and public policy.

**Keywords:** Heritage. Art. Cultural Equipment. Public Policy.

## 1 INTRODUÇÃO

A caracterização do Espaço Nordeste, como sendo um instrumento de política pública de incentivo à produção cultural considerando o patrimônio como alicerce desse processo, instiga-nos a avaliar os sentidos e significados de sua atuação no município de Pedro II – PI. Avaliar o alcance de seus objetivos e diagnosticar, ou até mesmo delinear os caminhos da mudança que favoreçam a qualidade e a democratização do acesso a manifestações artísticas, foram objetivos norteadores deste artigo. Algumas experiências constituem-se excelentes oportunidades para discussão e reflexão sobre temáticas específicas, revisitar conceitos e diretrizes, além de atualizar o debate acerca de diferentes concepções sobre patrimônio.

Partiu-se da compreensão de que o patrimônio é, por natureza, dinâmico, um processo em constante evolução. É o resultado, material e imaterial, da atividade criadora contínua e conjunta do homem e da natureza (FONSECA, 2009; VARINE, 2013). O homem compartilha com seus iguais e com o meio ambiente o seu patrimônio privado e coletivo, seja ele uma propriedade, uma paisagem, memórias, tradições e saberes, seja a fauna, a flora, relevo, cachoeiras e minérios, por exemplo. Esse patrimônio é transmitido de geração em geração o que, segundo Varine (2013, p.27), “significa que seus herdeiros devem administrá-lo: conservar no sentido físico do termo não é suficiente. É preciso fazê-lo viver, produzir, transformar-se, para permanecer útil”.

As mudanças provocadas pelo acesso a novas tecnologias e serviços têm trazido desafios para a gestão do patrimônio cultural em seu sentido mais amplo. Nas últimas décadas, organizações e pesquisadores vêm tentando estabelecer objetivos para uma gestão bem-sucedida, devido à ampliação do conceito dos bens considerados patrimônio. Alguns requisitos como, identificação, proteção, conservação, apresentação e transmissão às futuras gerações tornaram-se, cada vez mais, complexos, em razão das mudanças contemporâneas.

Baseado nesses princípios, o presente artigo visa registrar as experiências vivenciadas no Espaço Nordeste Pedro II e propõe o início de uma memória coletiva sobre os processos e resultados alcançados, como um exercício de reflexão sobre uma intervenção de reconhecimento das identidades culturais locais. Ele surgiu a partir do convênio de parceria firmado entre o Banco do Nordeste – BNB, Instituto Nordeste Cidadania – INEC, a Loja Maçônica n.9, a Prefeitura Municipal de Pedro II e a Fundação Cultural Grande Pedro II/Ponto de Cultura Educarte.

O Espaço Nordeste é um programa institucional coordenado pelo Banco do Nordeste, que conta com parcerias estratégicas, visando à administração e desenvolvimento de atividades socioculturais e de negócios, a fim de atender, prioritariamente às comunidades dos municípios nas áreas abrangidas pelo projeto. Com isso, esperava-se a redução dos índices de exclusão social, cultural e ampliação da cobertura bancária na Região Nordeste.

Inaugurado em Pedro II, no dia 11 de junho de 2009, como projeto piloto, a implantação nesta cidade foi estratégica, pois o município possuía potencialidades que possibilitaram esse processo, como ONGs que realizavam atividades afins, diversidade cultural e deficiência na rede bancária. Em comum acordo estabelecido entres os entes citados acima, as ações eram destinadas às comunidades em geral do município de Pedro II (PI), com ênfase em educandos e educadores, líderes comunitários, artista e turistas.

Vê-se que a natureza da intervenção tem regras e valores próprios que comungam e se relacionam com os preceitos do direito à cultura e dos novos agentes do patrimônio e políticas públicas, anunciados por Nogueira:

É um processo em que indígenas, negros, culturas tradicionais e diversas associações amigos dos museus, ONGs e mais recentemente os chamados “pontos de cultura” e “pontos de memória” têm contribuído notadamente para a ampliação do campo do patrimônio cultural, seja como objeto de estudo, seja como possibilidade de intervenção e/ou reconhecimento das identidades culturais (NOGUEIRA, 2011, p.384).

O Espaço foi um equipamento cultural<sup>1</sup> com de recursos e subsídios técnicos que estimularam, juntamente com outros equipamentos e políticas de incentivo à cultura, o aparecimento de pessoas, grupos e artistas que realizavam atividades culturais diversas, as quais promoveram o incentivo à prática cultural de usufruto do patrimônio, como um componente valioso de educação para o fortalecimento da identidade.

Funcionou regularmente de 2009 até 2014, tendo apresentado uma interessante dinâmica com a comunidade pedro-segundense. Ali, ocorreram lançamentos de livros, fóruns, seminários, exposições artísticas, apresentações teatrais de grupos piauienses, shows musicais de artistas locais, exibições semanais de filmes adultos e infantis e realização de “oficinas de arte e identidade”, mediadas por mestres e detentores de saberes e fazeres da cultura local,

---

<sup>1</sup>Sob o aspecto da macrodinâmica cultural, por equipamento cultural entendem-se tanto edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.). Numa dimensão mais restrita, equipamentos culturais são todos os aparelhos ou objetos que tornam operacional um espaço cultural (refletores, projetores, molduras, livros, pinturas, filmes, etc.) (COELHO, 2004, p.165).

tendo sido relevante o envolvimento da população nas oficinas de arte santeira, tecelagem, cerâmica artesanal, xilogravura, artesanato com fibras desidratadas, artes visuais, artesanato orgânico, desenho com grafite, entre outras. Todas essas ações foram ofertadas gratuitamente e objetivaram a reprodução e o fortalecimento de saberes, ofícios e formas de expressões representativas da cultura local, assim como uma provocação para a salvaguarda ativa do patrimônio.

A variedade de manifestações culturais que saíram da marginalidade e ganharam visibilidade foram embasados pelas várias dimensões nas quais os bens culturais – materiais, imateriais – foram se integrando à realidade através dos eventos. As experiências e exemplos citados mostram que é possível sair da teoria e ir para a prática, ou vice e versa. Consciente ou não da amplitude das dimensões da ação, o que se fez foi um exercício de salvaguarda, uma ação educativa patrimonial, no sentido prático e informal de um equipamento cultural que organizava eventos e espaços, para que as manifestações e tradições acontecessem e se reproduzissem.

A oportunidade de as pessoas conviverem com espaços culturais e obras de arte, conscientes de que esses lugares materializam um direito dos cidadãos, é um desafio na atualidade. As reflexões expostas neste artigo são fundamentadas em experiências de aprendizagem com vivências sócio-profissionais e comunitárias e são apresentadas como mecanismos de representação da memória coletiva e de identidade cultural de uma população. Foi um lugar capaz de produzir informações viabilizadoras de novas ações; assim sendo, não possuiu um fim em si mesmo, mas constituiu-se em um meio para valorizar a diversidade local.

Com este artigo, almeja-se contribuir para o debate em torno das relações entre patrimônio, arte, equipamento cultural e políticas públicas. O texto foi construído com base na experiência prática imediata e mediado pela interlocução cultural, dialógica e dialogal com o lugar. Apresenta fatos, é analítico, simples e discursivo, mas não está acabado. Trata-se da intervenção de um equipamento sociocultural para reconhecimento das identidades culturais locais e serve de embasamento à pesquisa e a projetos futuros, a exemplo das boas práticas de produção cultural em parcerias mediadas pela arte e identidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A noção moderna de patrimônio apresenta-o como mecanismo de representação da memória coletiva de um povo. Vê-se que na evolução do conceito, a partir de um processo

crítico social e político, ressalta e destaca a dimensão sócio educativa. Assim, patrimônio, memória e povo estão numa inter-relação orgânica, na qual a educação patrimonial é o principal fio condutor. A partir do momento em que o povo passa a abranger várias matrizes étnicas e culturais e formam as populações com seus processos culturais de construção dos lugares e territórios através de seus saberes e fazeres identificadores, a representatividade desses sujeitos históricos precisa ser ampliada e trabalhada (GONÇALVES, 2007). A perspectiva de uma ressignificação do conceito de patrimônio, agora não mais resultante de um olhar homogeneizador, mas da pluralidade cultural e étnica dos sujeitos dos territórios.

Esse olhar recente se traduz na concepção de educação patrimonial como atividade responsável pela conscientização do povo acerca da importância de seus bens culturais. A partir dessa conscientização – processo pelo qual a cultura é trabalhada como fator identitário, como bem detalha Poulot (2011), os vários tipos de museus; casas e pontos de cultura e de memória; espaços culturais; programas e políticas culturais, assim como demais equipamentos culturais específicos passam a assumir o papel de construtores dos espaços da memória local e nacional, cada vez mais próximo das várias dimensões em que os bens culturais – materiais, imateriais e naturais – são apresentados como Hugues de Varine (2013) nos esclarece quanto às diferentes formas e funções que o termo possa assumir em seu processo de evolução e aos ensinamentos que a própria dinâmica da comunidade oferece.

Halbwachs (1990), no livro “A Memória Coletiva” reflete que os objetos materiais, com os quais estamos em contato diariamente, nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade que nos traz um “equilíbrio mental” (1990, p.91). Esse entendimento põe o patrimônio cultural numa posição estratégica e essencial para a estabilidade da nossa humanidade. Poulot (2012) contribui com o pensamento, ao afirmar que o patrimônio, que se tornou símbolo de elo social, está hoje em toda parte, da mobilização dos corpos políticos à instituição cultural. Desse modo, o patrimônio repercute em todas as dimensões sociais, tornando-se um elemento decisivo no desenvolvimento local.

Já se sabe que a identidade cultural antecede a memória social e que esta, por sua vez sofre domínio ideológico dos grupos a quem é atribuída a função de construção da história oficial. “As imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis, do nosso eu” (HALBWACHS, 1990, p.91), e refletem o que nos distingue, caracterizando nossa cultura e nossos gostos aparentes. Por outro lado, Desvallées e Mairesse (2013, p.76) nos alertam sobre o potencial ideológico que o patrimônio pode assumir, “que transpõe ao campo moral o léxico jurídico-econômico, aparece como suspeita, e pode ser analisada como parte daquilo que Marx e Engels chamaram de ideologia, isto é, um subproduto do contexto socioeconômico destinado a servir a interesses particulares.”

No jogo da história das populações ou da humanidade, todas as categorias se apresentam multifacetadas e demandam reflexões quando necessário se faz entender as políticas culturais que são destinadas às comunidades. Com o patrimônio não é diferente. Quais os limites do patrimônio? Gonçalves (2007) desenvolve uma reflexão suscitada pela percepção de um progressivo e ininterrupto inflacionamento dessa categoria,

sobretudo depois de sua ilimitada expansão semântica expressa pela noção de patrimônios intangíveis. O autor, na verdade, questiona a grande dificuldade de se estabelecer um conceito claro do que seja patrimônio cultural, bem como delimitar sua extensão e dimensão de nossas práticas em relação aos patrimônios culturais.

A noção de “limites” trazida por Gonçalves identifica riscos, tais como o de trivializarmos o potencial descritivo e analítico; riscos propriamente políticos da força dessa categoria, como instrumento de luta pelo reconhecimento público de grupos e de indivíduos. A categoria “patrimônio” assume contornos semânticos específicos na modernidade e no contexto contemporâneo. Nas análises dos modernos discursos sobre o patrimônio cultural, a ênfase tem sido posta no seu caráter “construído” ou “inventado”. Não depende, exclusivamente, de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público (GONÇALVES, 2007).

Com essa dilatação e expansão da noção de patrimônio, e mais especificamente, de patrimônio imaterial, no Brasil, com a Constituição de 1988, e pelo mundo, alastrada principalmente pelas diretrizes e ações da UNESCO, o desejo das pessoas e instituições pelo reconhecimento das identidades culturais e preservação do patrimônio ganham força e materializam-se em projetos de intervenção. Foi assim com o Espaço Nordeste Pedro II. A citação de Nogueira é pertinente e contextualiza a formatação do lugar.

O que é importante ressaltar é que vivemos hoje uma espécie de “rotinização” do patrimônio cultural em escala mundial. A passagem da ideia de “monumento histórico artístico” para uma noção de patrimônio assentada nos “bens culturais de natureza imaterial” colocou, no campo do patrimônio, agentes sociais outros que não os especialistas que dominaram as práticas de preservação. A interface com as temáticas transversais, como as políticas da diversidade cultural e dos direitos culturais potencializou um diálogo mais sistemático com os movimentos étnico-culturais em suas diferentes formas de apropriação do patrimônio (NOGUEIRA, 2011, p.384).

O Espaço Nordeste, em conjunto com os parceiros, focalizou uma cultura regional privilegiando práticas e narrativas centradas na construção da identidade local. Abreu e Chagas (2009) observam que, é no meio construído a partir da relação entre memória e patrimônio que se estabelece o lugar de alteridade das grandes narrativas nacionais. Contrário a isso, a exibição do Patrimônio Cultural Local é um convite aos sujeitos a assumirem suas práticas culturais, caracterizados pelo exercício do direito à voz, à memória e à constituição do patrimônio cultural.

O patrimônio histórico possui um papel propedêutico como figura representativa da própria história. Nele está refletida a tomada de consciência das dimensões estéticas, econômicas e sociais (CHOAY, 1999). Ora, a memória está ligada a fatos e a lugares que são construídos e transmitidos de geração em geração. Tomando emprestadas as palavras de



Halbwachs, “quando um grupo é inserido numa parte do espaço, ele transforma à sua imagem, mas ao mesmo tempo, dobra-se e adapta-se a coisas materiais que resistem a ele” (*Apud* ROSSI, 2001,p.198), visto que, de acordo com o autor, a função fundamental da memória social, enquanto passado coletivo partilhado, é estabelecer laços de filiação entre os indivíduos que fazem parte de um dado grupo e compartilham um passado comum. Quanto à construção da história desse passado, é pacífico, porém complexo, recorrer-se à memória social sem prender-se às imposições dominadoras.

A memória coletiva, entendida como a relação da coletividade com o lugar e com a ideia dele, é construída conforme as pessoas vão vivenciando o seu cotidiano e tomando consciência dele. O tecido urbano, por exemplo, faz parte da identidade cultural de seus habitantes, Choay (1999,p.159) ao se referir à cidade e monumentos argumenta que “ao longo dos séculos e das civilizações, sem que aquelas que a edificavam tivessem essa intenção ou disso estivessem conscientes, a cidade representou o papel memorial de monumento.” Do mesmo modo, a memória coletiva está representada nos fatos urbanos e paisagísticos.

Essa relação percebe-se inseparável, pois resulta da mediação que compõe a construção do aparato social e, conseqüentemente, do imaginário popular. Possivelmente uma não existiria sem outra. A memória se aproveita dos elementos da própria vida humana, composta por figuras simbólicas e físicas às quais são anexados valores. Esses valores são transmitidos de uma geração para outra, que mais uma vez se utiliza da memória, dos fatos, dos monumentos e da paisagem, para recriarem e ressignificarem seu patrimônio. Todavia, a transmissão intergeracional da herança cultural, há que considerar a dinâmica contemporânea do processo social, usando de várias linguagens e mecanismos de interlocuções que mediatizem essa transmissão como cultura viva e transformadora, a fim de que seus herdeiros possam administrar esse patrimônio, como nos recomenda Varine (2013).

Acredita-se que intervenções, como a do equipamento sócio-cultural aqui apresentado desempenham papel importante no reconhecimento das identidades culturais e democratização da memória social e coletiva, tanto das comunidades menores como dos grandes agrupamentos humanos. Primeiro porque a receptividade é espontânea e imediata; segundo porque, quando provocadas, as pessoas participam da construção do equipamento cultural, como sujeitos ativos do processo de memória e do seu lugar de representação. A natureza dinâmica do patrimônio, aqui ressaltada, como processo em constante evolução, torna imprescindível a premissa defendida por Varine (2013) de que a sociedade tem a função de criar e sustentar mecanismos, para que o patrimônio viva, produza e transforme-se, para permanecer útil.



### 3 METODOLOGIA

Quanto à direção e método, optou-se por uma abordagem qualitativa e quantitativa; para realização dos objetivos propostos usou-se procedimentos exploratórios como levantamento bibliográfico e entrevistas semi-estruturadas. Quanto aos procedimentos, utilizou-se pesquisa bibliográfica, documental e participante, Porque, de acordo com Gil (2009, p.41), “estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”, seu planejamento é bastante flexível, o que proporciona ao investigador a possibilidade de considerações dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado, e era justamente o que se buscava.

Nesta perspectiva, imbuído pela vontade de conhecer dentro de um contexto histórico, optou-se pela abordagem qualitativa. Essa abordagem interpreta os fatos baseados em métodos associados às ciências sociais. Teixeira (2009, p.137) explica que “o pesquisador procura reduzir a distância entre teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação.”

Partiu-se da identificação das potencialidades produtivas geradas com pela implantação do Espaço Nordeste Pedro II, com base na avaliação de um conjunto de informações de arquivos e em documentos produzidos pela programação cultural mensal do Espaço, bem como resultante de levantamentos diretos realizados junto a diferentes artistas, pessoas frequentadoras e pelos responsáveis pelo gerenciamento do órgão na área de cultura, social e de negócios.

Com as informações processadas, procedeu-se a uma análise pormenorizada sobre suas consistência delas, no sentido de avaliar de que modo estes dados se associam e explicam as vocações e as formas como estas foram sendo exploradas e colocadas em benefício da população pedrossegundense.

A programação cultural do Espaço Nordeste era bem dinâmica, permitindo uma gama de eventos diversificados em várias áreas de expressões artísticas e manifestações culturais. Eram apresentações musicais, teatrais, de literatura, cinema, dança, exposição de artes visuais, oficinas de formação artística entre outros espetáculos que semanalmente compuseram a atividade cultural. Esse fato proporcionou uma análise bem ampla baseada em uma variável de informações que refletem diversos aspectos culturais, econômicos e sociais.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A breve, porém, intensa existência do Espaço Nordeste Pedro II transcende o modelo de projeto piloto. Está presente nas histórias dos que trilharam o “Espaço”, como era carinhosamente chamado, marcando suas trajetórias de vida. Fica claro nos depoimentos de jovens e artistas colhidos por ocasião dos relatórios utilizados como fonte primária desta pesquisa. A fala de José Carlos<sup>2</sup> expressa bem essa ideia:

O Espaço Nordeste Pedro II foi muito importante na minha vida, nos momentos importantes de escolha profissional. Adquiri um ofício, aprendi fazer amigos e estudar em grupo. Posso dizer que devo muito ao Espaço. Com ele aprendi que o grupo facilita a vida e os sentimentos. (18 anos).

Atento aos fatos e falas de artistas e estudiosos, colhidos para a produção de um vídeo/relatório sobre a implantação e representação do Espaço Nordeste intitulado “Espaço Nordeste Pedro II: ações e conceitos” (2012) pode-se constatar que ele contribuiu efetivamente para o desenvolvimento econômico, cultural e social de Pedro II, no período de 2009 a 2014. José Maria Saraiva (Cantor) expressa que:

O Espaço traz oportunidades, possibilita condições de o artista expressar seu sentimento, sua cultura, a valorização cultural que fica para trás, então aqui é oportunidade, e eu considero isso porque foi a partir daqui que se resgatou os “Irmãos Saraiva”.

O que faz com que um empreendimento cultural exista concretamente não são as estruturas físicas; as culturas singulares subvertem a ordem mundial dos espaços padrões, elas representam a alma dos lugares. As falas ressaltam que, quando um Espaço Cultural se estabelece em um determinado lugar é porque as estruturas de sustentação são reais e viabilizam sua existência. Com o Espaço Nordeste foi assim, Pedro II possuía potencialidades que possibilitaram o processo de sua implantação, a aceitação das pessoas, ONGs parceiras que realizavam atividades afins e, o que é mais representativo, uma visível e rica diversidade cultural. Logo, tornou-se um lugar único, como destaca Gilsê Memória (Artista Visual):

É um lugar único, exatamente por essa valorização da cultura nordestina, ou seja, do artista da terra. Eu entendo que deve existir, pelo motivo de os artistas que se apresentam aqui ou que expõem aqui em outro lugar não teriam essa oportunidade,

---

<sup>2</sup> José Carlos entrou no Espaço atraído pelas Oficinas de Arte – Identidade; com criatividade desenvolveu uma técnica de escultura com pet, cola, papel machê e serragem de madeira; foi frequentador assíduo das atividades culturais; aluno do prosseguir e por fim ministrou uma Oficina de Escultura com Serragemde madeira e papel reciclado.

no meu caso por exemplo, eu nunca tinha feito uma exposição, porque não existia um local adequado ou que as pessoas se interessem por este tipo de cultura.

Em um contexto regional sua importância é percebida na evidência da cultura nordestina. A globalização coloca-se agressivamente como uma ruptura com a cultura e identidade locais. A estruturação de lugares que contradigam tal proposta reforça a importância de experiências autênticas e o fortalecimento de identidades comuns. O cantor José Maria Saraiva se faz porta voz dessa realidade:

Veja só, você ter um local onde você pode se expressar na questão cultural, seus valores culturais, que tem de mais importante nessa cidade que é a cultura, Pedro II é um celeiro de artista, então eu avalio como de suma importância a continuidade desse Espaço porque deixando de existir esse Espaço, qual outro local em Pedro II vamos ter para estar expressando nossa cultura? Nossa arte? Tudo de bom? Quantas coisas boas já aconteceram? (...)Eu costumo dizer que Pedro II agora tem uma casa de cultura e a casa do artista pedrossegundense é aqui.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é a concepção do Espaço como um lugar de acolhimento, que oferece oportunidade para as pessoas se integrarem, conhecerem sua própria cultura. Esse formato se mostrou eficiente porque ofereceu condições reais de percepção cultural do que a pessoa é, em termos culturais, ou seja, a identidade local transparece numa programação em que elas se reconhecem. Através da exibição de filmes, espetáculos, música, literatura, ao conviver com o Espaço, além da identificação, encontrem outros estilos e olhares sobre a identidade cultural. Isso fica claro nas palavras de Adeodata dos Anjos (Antropóloga):

A cultura é muito dentro da alma da gente, agora precisa a gente perceber isso. Eu penso que espaços como o Espaço Nordeste ele ajuda a gente a olhar mais para gente, por que a gente só olha pra gente quando percebe o diferente [...]. A questão cultural em Pedro II, não é uma cultura única é uma diversidade cultural que é uma riqueza que tem que ser explorada mais e mais.

Como ressoam as falas, as atividades de inclusão social e cultural desenvolvidas no Espaço Nordeste estimularam a manifestação de novos artistas que viviam no anonimato ou aguardavam uma oportunidade de se expressarem. Ressalta-se ainda a dimensão da educação informal assumida e desenvolvida nas atividades que facilitavam o acesso às tecnologias básicas, capacitações, oficinas e execução de atividades culturais, criando um público crítico que valorizava, incentivava e apoiava a manifestação artística em suas diversas diretrizes.

Além de primar pela diversidade cultural nordestina, que se configura como uma alternativa, para a população, para os padrões homogeneizadores da cultura de massa tão presentes na sociedade atual.

Respeitando estes valores, com um cuidado na qualidade da produção dos eventos que eram realizados na programação cultural, a equipe gestora do Espaço, composta por três assessores e dois produtores culturais, estimulava a profissionalização dos artistas e artesãos com o objetivo de potencializar a produção e fortalecer o gosto do público por belos eventos, espetáculos e exposições, agregando valor cultural e econômico ao que era apresentado pelos artistas.

Faz-nos lembrar Paulo Freire apontando a cultura viva como “o quadro de toda prática patrimonial, de todo processo de desenvolvimento cultural e de desenvolvimento global” (VARINE, 2013, p.152). Para definir uma “cultura viva” os equipamentos culturais necessitam estar vivos. Dentro dessa lógica, o conceito de patrimônio sofre alteração à medida que se integra ao desenvolvimento territorial, como foi frisado anteriormente. “O patrimônio imaterial está no coração da vida cultural e do desenvolvimento comunitário” (*ibidem*)

A profissionalização da produção cultural impõe-se como um novo jeito de produzir cultura com respeito e dignidade, ter consciência desse processo é fundamental para produtores e artistas desenvolverem seus trabalhos sustentavelmente. Neste sentido, o Espaço Nordeste Pedro II realizava oficinas de elaboração de projetos que capacitavam os artistas a captarem recursos para aquisição de equipamentos modernos e execução de projetos culturais nas comunidades rurais e urbanas. No segundo ano de funcionamento, em 2011, os artistas locais aprovaram cinco projetos no edital de micro projetos Mais Cultura<sup>3</sup>. Um investimento de mais ou menos R\$ 35.000,00 gerando atividades remuneradas. Em 2012 mais dois resultados positivos, a partir das oficinas e editais promovidos e divulgados pelo Espaço Nordeste foram aprovados dois projetos no Programa BNB de Cultura<sup>4</sup>. Esses resultados obtidos reforçam, objetivamente, a hipótese da importância que teve esse Espaço na produção cultural do município.

---

<sup>3</sup> Parte do conjunto de Ações desenvolvidas pela Funarte/Ministério da Cultura, o “Mais Cultura – Microprojetos mais cultura” é voltado para a realização de projetos culturais de baixo custo. A missão do programa é fomentar e incentivar artistas, produtores, grupos, expressões e projetos artísticos e culturais na região do semiárido nordestino. Um investimento da ordem de R\$ 13,5 milhões foi realizado no semiárido brasileiro. O projeto foi executado em parceria da Fundação Nacional de Artes (Funarte), do Banco do Nordeste (BNB) e das secretarias de Cultura dos onze estados que integram a região do semiárido – Paraíba, Alagoas, Ceará, Piauí, Bahia, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão, Pernambuco, Minas Gerais e Espírito Santo.

<sup>4</sup>O Programa de Cultura Banco do Nordeste criado pelo Banco do Nordeste em 2005, com o objetivo de democratizar o acesso aos recursos destinados ao patrocínio de ações culturais, desenvolvidas em benefício da Região Nordeste, norte de Minas Gerais e norte do Espírito Santo. O Programa está pautado na ampliação e na democratização das oportunidades de criação, circulação e fruição dos bens culturais, bem como na promoção, proteção e transmissão da diversidade cultural.

O acesso aos editais de incentivos de produção e divulgação possibilitou a aquisição de instrumentos para bandas de músicas, montagem de pequenos espetáculos, realização de oficinas, publicações literárias, aquisição de materiais diversos para produção artística, realização de pequenos festivais, produção de CDs de músicas, realização de documentários até a produção em diversas mídias digitais, entre outras manifestações. Tudo isso revela um universo de beleza, sensibilidade e de grande qualidade cultural, sob vários aspectos. Difícil mensurar através de dados o grau de abrangência e de influência que as ações citadas podem alcançar.

Nesse sentido, conforme depoimento de artistas locais o Espaço veio preencher uma necessidade do município de ter um lugar que ligasse produção ao público e que valorizasse a produção dos artistas. Gilsie<sup>5</sup> é enfático ao dizer que:

A palavra certa é se revelaram. Pedro II é uma região que possui muitos artistas, pessoas inteligentes. Agora o que acontece, não existia um local para as pessoas se revelarem, ou de certa forma mostrarem que elas sabiam fazer “aquilo”. (...) Não é que com o Espaço Nordeste as pessoas vão começar a desenhar ou pintar, o que eu acho é que a pessoa nasce com um dom especial, e que antes não tiveram oportunidade de mostrar e agora a mudança que houve é a possibilidade de mostrar.

Podemos inferir desta afirmativa que o Espaço contribuiu efetiva e subjetivamente através de suas ações para a manifestação de artistas e a valorização do patrimônio. Esta intermediação feita entre Espaço Nordeste, artista e comunidade estabelecia a promoção pela aproximação entre indivíduos, cultura e arte, ou seja, provocava uma ação contínua de constituir um público que valorize a produção cultural estimulando, por sua vez, as práticas artísticas e culturais existentes no local. Práticas diversas que constituem ou constituirão a identidade cultural do município, fortalecendo todas as dimensões sociais suscitadas no tema da pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento humano, social e econômico.

Nota-se, a partir desses conceitos, que universalizam a noção de cultura e identidade cultural que a manifestação desses elementos torna-se imprescindível para sua reprodução, resgate, preservação e difusão. A Programação Cultural do Espaço Nordeste Pedro II era pautada nesses elementos trazidos em programas culturais, são eles:

- a) Artes Visuais: exposições de telas, fotografias, esculturas, objetos simbólicos, peças antigas com destaque para as expressões culturais nordestinas. As exposições de artes visuais tinham uma duração média de três meses.
- b) Ato Compacto: espetáculos de teatro, de dança, circo etc. destinado ao público infanto-juvenil e adulto.
- c) Cultura Musical: com espetáculos ao vivo de música vocal em todos os gêneros musicais.
- d) Imagem em Movimento: mostra de filmes nacionais e estrangeiros, com espaços para debate.

<sup>5</sup> Informação verbal – depoimento do artista plástico Gilsie Memória

- e) Literatura em Revista: lançamentos, divulgação, saraus e comentários especializado na área sobre a obra de autores diversos.
- f) Tradição Cultural: realização de eventos culturais diversos que visavam incentivar a formação artística e fortalecimento da cultura nordestina.

Além destes programas culturais, outras ações eram destinadas ao público de baixa renda como, oficinas realizadas a partir das aptidões artísticas e artesanais identificadas no *locus*, cujo objetivo era o aprimoramento de tais objetos com o intuito de adquirir valor de mercado, trata-se do projeto Arte-Identidade que atuava realizando oficinas de formação artísticas. Esperava-se com essas oficinas a contemplação de três vertentes propostas pelo Instituto Nordeste Cidadania: geração de renda com cidadania, formação de um ambiente de aprendizagem e a capacitação de lideranças com o objetivo de fortalecer a identidade das comunidades assistidas pelo projeto. O levantamento feito nas agendas culturais desde 2009 mostrou números curiosos com relação ao potencial trazido pela implantação do Espaço Nordeste Pedro II.

Observou-se que nesse período seis bandas de música ou grupos fizeram seu primeiro show no Espaço Nordeste. Ao longo dos cinco anos, três grupos de teatro estrearam sua primeira peça no Espaço Nordeste Pedro II. Cinco autores lançaram seus livros no Programa Literatura em Revista, alguns conseguindo comercializar um número considerável de exemplares. O Programa Imagem em Movimento recebeu dois filmes que foram lançados na programação cultural. Um grupo tradicional de humor e música foi reativado após receber um convite da equipe de produção do Espaço Nordeste e se apresentou no Programa Tradição Cultural. Todas as exposições realizadas pela programação foram inéditas a população que tiveram contato com obras de artistas de renome internacional que expuseram suas obras pela primeira vez na cidade.

A partir da interpretação dos dados, entende-se que o trabalho apresentado pelo Espaço Nordeste contribuiu para o fortalecimento das manifestações culturais existentes em Pedro II. De 2009 a 2014, 57 (cinquenta e sete) oficinas de formação artística foram realizadas no programa Arte-Identidade, 38 (trinta e oito) peças de teatro no programa Artes Cênicas, 31 (trinta e uma) exposições de artistas locais e até de outros estados, 391 (trezentos e noventa e uma) exibições de filmes, 48 (quarenta e oito) shows de músicas, 48 (quarenta e oito) eventos na área de literatura e 21 (vinte e uma) apresentações no programa Tradição Cultural. O número de público participante nos eventos em 2011 foi de 4.188, já no ano de 2012 foi de 6.329 pessoas que assistiram aos eventos realizados na programação cultural. Teve-se um crescimento de público de mais de 50% em um curto espaço de tempo.

Em cinco anos de existência concreta, o Espaço Nordeste Pedro II, realizou 634 eventos. Pode-se perceber o potencial produtivo gerado pela implantação do Espaço Nordeste: estímulo na carreira artística e criativa, produção de eventos, profissionalização do artista, formação de plateia, inclusão sociocultural e desenvolvimento de políticas culturais. Salienta-se o aspecto criador do Espaço Nordeste, que nos moveu a produzir o presente texto, ressaltando a dinâmica de funcionamento e o ganho sociocultural gerado com sua implantação em relação ao desenvolvimento local. A experiência mostrou que as pessoas têm fome de cultura e que a educação patrimonial é um fio condutor do processo social. A mudança de atitude com relação ao consumo cultural, objetiva e subjetivamente, foi resposta imediata.

O reconhecimento da correlação entre cultura e desenvolvimento deriva da percepção de que as atividades culturais não se posicionam exclusivamente no valor do patrimônio tangível ou intangível. Trata-se, também, de atividades portadoras de futuro e cada vez mais autossustentáveis. Segundo Leitão, a economia da cultura se associa, rapidamente, ao uso de novos materiais, às novas tecnologias de informação e telecomunicação, às novas tendências na produção e distribuição de bens, constituindo um mercado amplo e inesgotável. Leitão aponta a economia da cultura como “um novo front de desenvolvimento, por sua grande capacidade de geração de renda e emprego, por seu impacto na formação do capital humano e no desenvolvimento de novas tecnologias, e seus efeitos sociais positivos” (LEITÃO, 2007, p.3).

O papel desempenhado pela dimensão cultural do Espaço Nordeste Pedro II foi de apresentar ao público uma programação cultural constante, com qualidade relevante, inovadora e criativa com o objetivo de formar público e platéia por meio de eventos diversos. Aurenívea informa que “a valorização da cultura popular para as culturas populares está inserida no imaginário social que, por sua vez, são resgatados nas representações sociais e que, por conseguinte relacionados à identidade cultural”(AURENÍVEA, 2007,p.4).

A dimensão social deu suporte à dimensão cultural interagindo com harmonia e complementando a mediação pela arte. Entre as atividades desenvolvidas é importante ressaltar as principais ações, a fim de que se conheça o processo de intervenção do Espaço na íntegra. Segue uma breve descrição das atividades desenvolvidas na área social.

O Espaço de leitura da Sala de Leitura Tamboril foi palco de muitas magias. Contava com uma sala equipada e ambientada para estimular e facilitar a leitura de crianças e jovens. Um acervo de 2.545 exemplares, sendo 1.947 livros para jovens e adultos e 598 infanto-juvenil, 400 revistas, dentre elas 200 com temas infantis. Instrumento muito importante para o incentivo à leitura e escrita, a maior parte do acervo foi adquirido via Ponto de Cultura



Educarte, a outra através de doação, acordos e convênio com o Ministério do Meio Ambiente (Programa Sala Verde). A Movimentação era diária com frequentadores assíduos e eventuais, visitantes e colaboradores. Possuía em torno de 450 pessoas cadastradas como locadores de livros, revistas e periódicos. Importante dizer que era o único lugar de leitura do gênero no município.

A Sala de Inclusão Digital, coordenada pela Fundação Cultural Grande Pedro II, através do Ponto de Cultura Educarte – educação patrimonial, cultura e arte, era um espaço que disponibilizava, para toda comunidade, o acesso público e gratuito à Internet e a informática, evidenciando tais recursos como ferramentas pedagógicas e socioculturais imprescindíveis para aquisição de novos conceitos, complementar aos demais trabalhos desenvolvidos nas instituições educacionais e projetos sócioeducativos locais. A forma de acesso atendeu aos alunos de o Projeto Prosseguir e alunos de escolas públicas, universidade e comunitários que faziam pesquisas e buscavam informações.

O projeto Arte-identidade, através das Oficinas Artísticas para geração de renda com cidadania realizou 57 oficinas durante cinco anos de atuação do Espaço. 95% delas foram ministradas por artesãos locais resguardando a tradição associada à inovação e agregando novos valores aos produtos criados.

Com o apoio da assessoria social<sup>6</sup>, a metodologia utilizada nas oficinas foi da Educação Biocêntrica, com o intuito de melhorar e estimular o desempenho da facilitadora, bem como dos participantes. Entre osicineiros estavam pequenos e microempreendedores que acessavam o crédito da Sala de Negócios para incrementar suas produções. Houve caso de participante de oficina que aprendeu o ofício, acessou o microcrédito e montou seu próprio negócio através da linha de Crediamigo.

O Projeto Prosseguir foi outra atividade social de grande importância, pois buscava intervir na situação da juventude do meio rural e periférica dos centros urbanos que, ao concluir o Ensino Médio, além de atuar como alternativa que ampliava as chances de ingresso no Ensino Superior, o projeto objetivava contribuir para a formação intelectual, profissional e humana do público atendido.

A proposta pedagógica consistia na formação de grupos de estudo entre os participantes do projeto que se reuniam durante a semana. As aulas presenciais aconteciam aos sábados para dialogar sobre os conteúdos e esclarecer dúvidas, bem como realizar

---

<sup>6</sup> Assessoria social – O assessor social é o profissional responsável pela programação das atividades desenvolvidas no Espaço Nordeste, em especial os projetos sociais e educacionais. Este profissional é responsável pela elaboração e execução dos programas sociais, mediante a promoção da participação consciente dos indivíduos em grupos. Ivaniilda Amaral exercia a função nos cinco anos de pesquisa.

atividades pedagógicas (exibição de filmes, círculos de cultura, etc.). Para lecionar, buscava-se formar uma equipe com professores da própria região, os quais conheciam melhor as questões relevantes e a dinâmica da comunidade, materializando a proposta de integrar esse projeto a outras ações sociais existentes. O projeto tinha como referência a construção coletiva do conhecimento, relacionando os assuntos da vida cotidiana a subjetividade e às interações interpessoais e sociais dos participantes.

Contrária à afirmação indaga-se: e se a existência de um espaço não estimular a produção cultural? A resposta é simples. É melhor ter um lugar para apresentação e não ter apresentação, do que ter a ânsia nos artistas pela apresentação e não ter lugar. “A economia pode de certa maneira redimensionar a cultura, a tendência é que a cultura se torne um atrativo para novos empreendimentos, e que com isso, novas oportunidades e profissões apareçam” (AURENÍVEA, 2007, p.14). O Espaço Nordeste Pedro II criou e recriou perspectivas futuras. Talvez nunca saibamos ao certo até onde se estende sua influência. Fato confirmado pelos relatos é que sua história tem ressonâncias nas trajetórias de todos os que ajudaram a construí-lo ou por lá transitavam e vice-versa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desigual e contraditória do mundo atual permite que os lugares se apresentem como portadores de intenções que, às vezes, não são ditados pelos próprios lugares. Atualmente, ações e intenções se fundem entre o tempo da globalização e o tempo lento existente nos lugares desprezados onde esse fenômeno não acontece tão intensamente. São exemplos de lugares singulares com rotina diferente, representando processos sócio-culturais enraizados em uma história tradicional e particular, que preferem desenraizar e diluir as identidades locais, aderindo a um modelo homogeneizador.

Assim foi com o Espaço Nordeste: transcendeu o modelo para dialogar com o lugar. Um espaço que convidava, o artista organizava e divulgava o evento, além de apoiar iniciativas comunitárias, trabalhar em parceria e equipes, planejar coletivamente. A metodologia e princípios que usou fez com que desenvolvesse um papel muito importante na transformação do lugar. Esse contexto estimula a apropriação do gosto pelo patrimônio existente, pelas manifestações artísticas e pelo que foi apresentado à população. Como exemplo é citado o grupo de Reisado da comunidade Cipó, Zona Rural de Pedro II. Há 150 anos o grupo realiza apresentações nas comunidades, passando a tradição do reisado de uma geração para outra.

Os resultados alcançados no que diz respeito às ações desenvolvidas pela Instituição, visando ao alcance de seus objetivos estratégicos e, por conseguinte, de sua missão, são considerados bons pela apreciação e opinião popular, mantenedores e gestores. Ofereceu, mês a mês, uma programação sociocultural e de negócios de altíssima qualidade, honrando todos os compromissos pontualmente e envolvendo a comunidade em todos os eventos realizados, fortalecendo, cada vez mais, a contribuição popular de forma efetiva para a valorização da cultura local em um espaço que lhes acolheu e promoveu.

A comunicação do Espaço Nordeste com outras instituições e projetos sociais existentes em Pedro II foi facilitada pela mediação da cultura. Visto que a proposta tinha como objetivo oferecer oportunidade de negócios, formação cultural e entretenimento com qualidade.

Embora o equipamento tenha superado as expectativas, protagonizado eventos e projetos, oferecendo oportunidades e provocando ações efetivas para os comunitários pela valorização da educação, a cultura e a arte, como meio de produção de vida e cidadania ativa o projeto, enquanto política pública, não alcançou sustentabilidade prevista. Ou seja, ao findar o período de validade do Acordo de Cooperação entre as instituições parceiras, mesmo com todo sucesso, o Espaço fechou por questões de ordem financeiras.

As articulações e o diálogo entre instituições parceiras e a sociedade civil possivelmente, não favoreceram a participação ativa e democrática de representantes de grupos e instituições sociais locais suficientes para que o desejo da comunidade prevalecesse. Ressaltando, a proposta era sustentável e interessante. Sustentável, porque dava um suporte humano e logístico para várias outras atividades sociais e, interessante, porque se auto energiza com o frescor da juventude, do conhecimento gerado, pela mediação artística, cultural e patrimonial.

Este artigo, além de servir como instrumento de aprimoramento do olhar para o desempenho institucional, pode ser uma importante ferramenta para o acompanhamento de um projeto feito em parceria, além de mostrar a macrodinâmica do Espaço Nordeste Pedro II em uma estrutura organizacional desempenhada enquanto equipamento sociocultural. Revela, ainda, o alcance ou a dimensão de uma importante política pública patrimonial, fortalecida por laços afetivos de cooperação e contrapartida social.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, R; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2ª edição – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AURENÍVEA, R. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa. 2007.
- CHOAY, F. **Alegorias do Patrimônio**. Edições 70, LDA: Lisboa – Portugal, 1999.
- COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras: 1997
- DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**; tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- FONSECA, M. C. L. “Patrimônio cultural: por uma abordagem integrada (considerações sobre materialidade e imaterialidade na prática da preservação)”. *In: Caderno de Estudos do PEP*. COPEDOC/IPHAN-RJ, 2007. (pp. 69-73)
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição – São Paulo: Atlas, 2009.
- GONÇALVES, J. R. S. **Os limites do patrimônio**. *In* Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e Desafios contemporâneos / organizadores Manuel Ferreira Lima Filho, Jane Felipe Beltrão, Corneli a Eckert. – Blumenau: Nova Letra, 2007.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Editora Revista Dos Tribunais LTDA. São Paulo, SP, Brasil. 1990
- LEITÃO, S. S. **Economia da Cultura e Desenvolvimento**. Z ensaios. Ano III - Número 3 - Agosto/Nov 2007.
- NOGUEIRA, A. G. R. **Comemorações, temporalidades e práticas de preservação do patrimônio cultural**. Cultura e Memória. Fortaleza. UFC: 2011.
- POULOT, D. **Museo y Museologia**. Madri: editora ABADA. 2011.
- POULOT, D. Cultura, História, Valores Patrimoniais e Museus, 2011. **Varia História**, v. 27, nº 46, p. 471-480, 2011.
- ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 6ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- VARINE, H. **As Raízes do Futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

MELO, D. B; AMARAL, I. T; CARVALHO, R. C. M. A Experiência do Espaço Nordeste Pedro II: Reconhecimento, Usufruto e Valorização do Patrimônio Cultural. **Rev. FSA**, Teresina, v.14, n.1, art.12, p. 245-264, jan./fev. 2017.

<b>Contribuição dos Autores</b>	<b>D. B. Melo</b>	<b>I. T. Amaral</b>	<b>R. C. M. Carvalho</b>
1) concepção e planejamento.	X	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X